

Novas possibilidades para o estágio curricular em Música: um relato de experiências de contextualização sociocultural em cursos de extensão ministrados por estagiários da Licenciatura em Música da UFCG

Comunicação

João Valter Ferreira Filho
Universidade Federal de Campina Grande
joao.valter.ufcg@gmail.com

Resumo: Este trabalho consiste no relato da realização de dois cursos de extensão ministrados por estagiários sob nossa orientação na Licenciatura em Música da Universidade Federal de Campina Grande. Após uma contextualização epistemológica inicial, dá-se seguimento a uma breve descrição da instituição onde desenvolvemos o projeto, elencando-se, logo a seguir, os procedimentos de planejamento e execução dos referidos cursos. Os cursos, concebidos a partir das experiências prévias dos estagiários e de reflexões suscitadas pelos estudos preliminares propostos, tiveram como principal traço de seu perfil a descentralização dos estudos com relação aos aspectos sintáticos da experiência sonora e a contemplação dos aspectos relacionados à contextualização sociocultural das vivências musicais.

Palavras chave: Estágio curricular; Cursos de extensão em música; Educação musical e contextualização sociocultural.

1. As licenciaturas em música e o desafio da contextualização sociocultural na formação do educador musical

Passados praticamente dez anos desde a assinatura da Lei 11.769/2008, que tornou obrigatória a presença do ensino de música em todos os níveis da Educação Básica no Brasil, nós, educadores musicais, nos vemos diante de grandes desafios que se multiplicam à medida em que somos chamados a implantar, fazer acontecer no cotidiano, a Educação Musical pela qual tanto lutamos. De fato, a busca pela consolidação de um espaço mais significativo para o ensino de música em todas as salas de aula do país vai muito além da necessária conscientização por parte dos próprios alunos, seus pais, diretores, professores e demais agentes educacionais. Ela está relacionada, sobretudo, a um delineamento mais claro e objetivo a respeito das perspectivas identitárias do ensino de música que realmente poderá se mostrar culturalmente sustentável e

socialmente relevante quando colocado em prática. Trata-se, portanto, de uma reflexão em nível estrutural, um caminho de amadurecimento a respeito da natureza dos conhecimentos e experiências que objetivamos favorecer à sociedade brasileira através das aulas de música em nossas escolas.

Nesse quadro, o debate epistemológico da área tem procurado tomar como ponto de referência a realidade musical do aluno e de seu contexto sociocultural, assumindo a música como uma linguagem construída culturalmente e seu ensino como sendo o desenvolvimento dos “[...] instrumentos de percepção necessários para que o indivíduo possa ser sensível à música, apreendê-la, recebendo o material sonoro/musical como significativo” (PENNA, 2015, p. 33). Em outras palavras: musicalizar implica em alargar as condições de trânsito por entre os domínios dessa linguagem (SCHROEDER, 2009, p. 52).

Esse posicionamento implica, portanto, numa nova postura – decididamente mais aberta e abrangente – com relação à seleção de referências e repertórios a serem estudados e vivenciados como conteúdos nas aulas de música. Nessa perspectiva, a música trazida pelo aluno em sua experiência de vida, independentemente de questões como origem ou estilo, desperta novo interesse, sobretudo pelo seu nível de significação vivencial. De fato, para Queiroz (2013, p. 106):

A escola, como lugar de formação cultural que deve atender os diferentes contextos sociais e os múltiplos sujeitos da sociedade contemporânea, sendo um direito do cidadão e um dever do estado, tem a “diversidade” como norteadora de suas concepções e ações no século XXI (QUEIROZ, 2013, p. 106).

Entretanto, muito embora os estudos e reflexões da área já venham apontando para esse alargamento de perspectiva há algum tempo, nem sempre os pressupostos e as consequências desse paradigma estão claros o bastante, até mesmo para aqueles já são ou visam tornar-se professores de música. Esse fato pode certamente estar relacionado ao perfil adotado pelos cursos de Graduação em Música de uma maneira geral. Pereira (2012), ao analisar os currículos e as características formativas dos cursos de licenciatura em música de quatro universidades brasileiras, chega à conclusão de que o campo da formação de educadores musicais é intensamente marcado por ambiguidades históricas e metodológicas que se

desenrolam entre o discurso da busca por uma musicalização mais abrangente e uma prática cotidiana essencialmente voltada para a formação e o treinamento técnico-musical dos graduandos, prática essa inserida num macrocontexto ideológico que o autor, inspirado nas proposições de Bourdieu, caracteriza como *habitus conservatorial*.

De fato, acreditamos que o caminho para uma redefinição mais contextual e multidirecional dos estudos musicais no âmbito escolar passa, necessariamente, pela formação de professores de música capazes de compreender as diversas realidades musicais presentes na sociedade e de construir pontes entre essas várias vivências coexistentes. Tais profissionais, conscientes eles próprios das diversidades intrínsecas à sua própria identidade e musicalidade, precisam encontrar nas licenciaturas em música o espaço adequado para a elaboração de questionamentos e reflexões que lhes forneçam, ao mesmo tempo, uma sólida formação nos conteúdos específicos da área, como também subsídios objetivos e consistentes para que sejam professores capazes de conduzir processos de emancipação educativa no campo musical.

Ao contemplar a magnitude do desafio que se encontra posto à nossa frente, assumimos no presente projeto o pressuposto de que eventuais ajustes curriculares, como aqueles que se costumam fazer nas reformulações rotineiras dos PPC's, nos quais se altera o nome das disciplinas, suas ementas e suas referências bibliográficas apenas, não serão suficientes para a reconfiguração identitária que consideramos necessária em nossas licenciaturas em música. O que pretendemos defender e propor para as licenciaturas em música é o delineamento de diretrizes que favoreçam uma nova concepção de currículo, aquilo que estamos optando por chamar de um *currículo musical socioculturalmente contextualizado*.

Ao discutir sobre a necessidade de um enraizamento sociocultural da identidade do professor de música na contemporaneidade, Bowman (2007) traz a lume uma constatação que, acreditamos, vem percorrendo todas as questões que temos discutido até o presente momento em nosso projeto: a música não pode ser concebida (e/ou ensinada... e/ou aprendida...) como sendo destituída de teor sociocultural. Dessa forma, em suas palavras:

Somente quando reconhecermos o vínculo entre nossas escolhas musicais (curriculares, pedagógicas, etc.), as formas como configuramos nossas identidades de educadores musicais, e as questões de justiça social é que a educação musical estará preparada para avançar nesta frente. É pouco provável que façamos progressos significativos até que reconheçamos que a relação

entre questões musicais e sociais não são periféricas ou contingentes, mas constitutivas¹ (BOWMAN, 2007, p. 110).

Com isso, o autor busca nos instigar a ampliar nossa autopercepção enquanto educadores musicais, e nos desafia a assumir “[...] bordas mais porosas, um ‘nós’ mais inclusivo” (BOWMAN, 2007, p. 119), no sentido de que, como professores que se supõem especialistas em um fenômeno tão multifacetado como é a música, deveríamos nós mesmos ser muito mais abertos às influências dos múltiplos contextos socioculturais em nossa própria personalidade e, conseqüentemente, em nossa prática educativa e musical.

Essa perspectiva está alinhada também com as diretrizes oficiais vigentes no país a respeito da formação de professores, de um modo geral. Na resolução CNE/CP 02/2015, que estabelece as diretrizes para a formação de professores de todas as áreas em nível superior, que estabelecem entre os princípios fundamentais para a formação do professor a adoção de percursos formativos que contemplem questões relacionadas à ética e à diversidade em suas múltiplas e variadas formas (BRASIL, 2015, Art. 3º, §6, Inc. VI).

Outra característica importante que percebemos como fundamentais nessa nova identidade curricular e que também se mostra ancorada nas diretrizes nacionais é uma redefinição do foco central da aprendizagem, que já não deve ser direcionado aos conteúdos, como preconizado pela concepção tradicionalista, nem aos processos, como amplamente verificado durante boa parte do século XX. Pelo contrário, atualmente acredita-se o processo educativo deve ter como seu foco central a formação do sujeito (BRASIL, 2015, Art. 8º, Inc. III).

No âmbito da educação musical essa reorientação dos processos de formação do professor é capaz de trazer avanços muito significativos, pois currículos abertos à realidade sociocultural e centralizados nos sujeitos nos permitirão um novo tipo de aproximação aos mundos musicais locais dos licenciandos (ARROYO, 2002) e, conseqüentemente, nos farão chegar à descoberta e compreensão de outras autenticidades musicais, autenticidades que envolvem não apenas repertório, mas, sobretudo, que estão relacionadas à diversidade da música enquanto fato social.

¹ Only when we acknowledge the linkage among our musical choices (curricular, pedagogical, etc.), the ways we configure our music educator identities, and issues of social justice will music education be poised to move forward on this front. We are unlikely to make meaningful progress until and unless we recognize that the relationship between musical issues and social ones is not peripheral or contingent, but constitutive.

2. A Licenciatura em Música da UFCG: breve histórico

As origens da Licenciatura em Música hoje existente na Universidade Federal de Campina Grande remontam ao final da década de 1970, quando ainda funcionava em Campina Grande o Campus II da UFPB – Universidade Federal da Paraíba (NASCIMENTO; SILVA; FERREIRA FILHO, 2015). No ano de 1978, por iniciativa do então reitor Lynaldo Cavalcante, foi criado em Campina Grande o NEC, Núcleo de Extensão Cultural, que tinha por finalidade desenvolver uma série de atividades artísticas e culturais que favorecessem um maior diálogo entre a Universidade e a comunidade. Como iniciativas concretas foram criados diversos cursos de extensão na área de música – teoria musical, violão, piano, saxofone, flauta doce, violoncelo, violino, etc – que eram conduzidos por professores convidados, alguns deles formalmente ligados à Licenciatura Plena em Educação Artística do Campus da UFPB em João Pessoa. Assim, durante as décadas de 1980 e 1990 os cursos de extensão em música da UFPB/Campus II foram a principal instância de formação musical existente no município de Campina Grande. Após o desmembramento do Campus para a criação da Universidade Federal de Campina Grande, ocorrido em 2002, foi erigido na UFCG o DART – Departamento de Artes – que passou a gerenciar todos os cursos de extensão em música da nova instituição. Naquele período os cursos de instrumentos atingiram seu apogeu, chegando a contabilizar mais de 400 alunos inscritos em um único período letivo. Toda essa procura justificou, no ano de 2008, a criação da Licenciatura e do Bacharelado em Música da UFCG, cursos regulamentados através da Resolução CSE/UFCG008/2008.

A Licenciatura em Música da UFCG já formou cinco turmas, entre os anos letivos de 2012 e 2016, contabilizando um total de vinte e seis egressos, que já se supõe estarem inseridos no mercado de trabalho local. Atualmente, o curso conta com oitenta e seis licenciandos e dezesseis professores, todos eles atuantes, concomitantemente, tanto na Licenciatura quanto no Bacharelado.

3. Os Estágios Curriculares na Licenciatura em Música da UFCG: aspectos gerais

Seguindo as diretrizes da atual legislação vigente, os estágios curriculares obrigatórios na Licenciatura em Música da UFCG perfazem um total de 420 horas, divididas em quatro disciplinas, sendo Estágio Curricular I, II e III com uma duração de 120 horas cada e o Estágio Curricular IV com duração de 60 horas.

Quanto à sua dinâmica, de acordo com a Resolução CPLM 03/2014, que regulamenta o funcionamento interno desses estágios no âmbito de nosso curso, esse período de intensa formação do licenciando pode ser desenvolvido ou em salas de aula da educação básica ou em projetos educativos desenvolvidos pela própria Graduação. Compreendendo toda a importância da experiência desses futuros profissionais nas salas de aula da Educação Básica, temos optado por priorizar esse ambiente de ensino nas três primeiras disciplinas, que concentram o maior número de horas. De fato, nos Estágios I, II e III, os licenciandos se dedicam à sistematização, planejamento, observação e regência de aulas nos diversos níveis da Educação Básica, realizando seus trabalhos em escolas diversas do município de Campina Grande, em convênios firmados com as Secretarias de Educação Municipal e Estadual.

Entretanto, no intuito de possibilitar também experiências diversas de ensino musical, e amparados pela já mencionada cláusula da Resolução, nos períodos letivos 2016.2 e 2017.1 optamos por conduzir nossos orientandos de Estágio IV em experiências formativas sem vínculo direto com a Educação Básica, direcionando seus trabalhos a Cursos de Extensão ofertados à comunidade em geral, mas, de maneira mais específica.

A primeira iniciativa que tivemos nesse âmbito de atuação foi, na verdade, uma breve oficina ministrada no período letivo 2015.2 pelos licenciandos que à época cursavam o Estágio Curricular I, com atividades desenvolvidas na Unidade Acadêmica de Educação Infantil – UAEI – de nossa própria Universidade. Naquela ocasião, no decorrer das aulas ministradas pelos licenciandos para os alunos das turmas do Infantil de I a IV da escola, um razoável número de professoras passou a nos procurar na ânsia por obter formação mais aprofundada a respeito do uso da música junto a seus alunos. Após acordos com a Direção e Supervisão da Escola, empreendemos então uma oficina de técnicas de musicalização infantil, direcionada a todo o corpo docente e técnico daquela Unidade.²

² O relato dessa experiência pedagógica encontra-se registrado nos Anais do XXIII Encontro Regional da ABEM (2016).

A partir do notável êxito daquela experiência inicial, começamos a amadurecer a ideia de dedicar, então, as horas do Estágio IV de maneira exclusiva a iniciativas pedagógicas daquela natureza. Chegamos, assim, à elaboração e aplicação dos dois cursos que passamos a descrever a seguir.

4. O Curso de Extensão “Métodos Ativos de Musicalização”

No período letivo de 2016.2 contamos com quatro licenciandos matriculados em Estágio IV. Após a exposição inicial de nossa proposta a respeito de o estágio ser desenvolvido através de um Curso de Extensão, iniciamos com os alunos um ciclo de discursões a fim de definir o perfil do curso que poderíamos oferecer, o público alvo e a dinâmica de seu funcionamento.

No que diz respeito à maior parte dessas definições nossa postura, enquanto orientador, foi deliberadamente aberta e imparcial, pois queríamos também ter condições de avaliar outros aspectos mais difusos da própria formação daqueles licenciandos que, em princípio, já estão às portas da conclusão de sua graduação e sua entrada formal no mercado de trabalho. Assim, nos debates preliminares, empreendemos uma sondagem procurando verificar os seguintes aspectos: (a) quais conteúdos, experiências e vivências das disciplinas de Metodologia do Ensino da Música (1 e 2) haviam-se sedimentado mais firmemente na formação daqueles licenciandos; (b) quais percepções eles traziam de suas experiências anteriores nos Estágios I, II e III; (c) quais conhecimentos e saberes adquiridos fora do ambiente acadêmico os licenciandos percebiam como úteis para o planejamento e aplicação de um curso direcionado a professores não-músicos; (d) dentre todos esses conteúdos, quais eles realmente se sentiriam à vontade para ministrar durante o curso de extensão.

Com relação ao público alvo, logo foi abraçada a ideia de oferecer o Curso à comunidade em geral, mas divulga-lo, de maneira mais específica, junto às turmas de Pedagogia da UFCG.

No que diz respeito ao perfil do Curso, a ideia assumida é que deveria tratar-se de uma formação que favorecesse a instrumentalização de professores não-músicos a atuarem de maneira mais objetiva e consistente nas atividades da Educação Infantil que envolvessem

práticas musicais. Nesse aspecto, prevaleceu a ideia que originalmente havia sido vivenciada na oficina realizada em 2015 junto às educadoras da UAEI.

A definição dos conteúdos a serem trabalhados demandou um pouco mais de esforço colaborativo. Após alguns encontros de reflexão e discussão, os alunos nos trouxeram a proposta de elaboração de um curso que trouxesse como foco principal a exposição e exemplificação de algumas metodologias específicas de ensino de música, simplesmente dedicando uma aula a cada um dos principais métodos ativos (Dalcrose, Orff, Kodály etc). Muito embora tenhamos consciência de algumas importantes lacunas nas experiências pedagógico-musicais proporcionadas pelos assim chamados “métodos ativos”, e não obstante levarmos em consideração, inclusive, suas limitações com respeito aos aspectos mais aprofundados da experiência musical em si mesma – notadamente os relacionados à música enquanto manifestação sociocultural –, em princípio devemos admitir que a opção por esse perfil para o curso nos pareceu bastante coerente com aquilo que, no ponto de vista dos próprios estagiários, lhes parecia ser o tipo de conteúdo que se sentiam mais seguros e aptos a ministrar. Isso porque, no contexto da grade curricular atualmente vigente na UFCG, grande parte dos estudos das disciplinas Metodologia do Ensino da Música I e II são dedicados a esses métodos. Sendo assim, como não poderia deixar de ser, concordamos com a proposta inicial, abrindo, entretanto a discussão no sentido de sistematizarmos as aulas de maneira menos categórica e de flexibilizarmos as práticas de cada encontro, integrando as diversas abordagens. Dessa forma, à proposta inicial acrescentamos as seguintes considerações: (a) que os estagiários redirecionassem todos os estudos para repertórios contextualizados de acordo com a realidade sociocultural local; (b) que nenhum método fosse estudado de maneira isolada, mas que todas as atividades fossem concebidas tendo como princípio uma integração acumulativa de experiências das diversas abordagens; (c) que cada aula tivesse, ao seu término, um espaço de vinte minutos reservados à avaliação feita pelas estudantes de pedagogia, a fim de que pudéssemos colher delas um ponto de vista mais amplo a respeito da aplicabilidade das propostas vivenciadas às salas de aula do ensino infantil. Por fim, foram acrescentadas também aulas direcionadas à construção de instrumentos musicais com materiais alternativos e suas possibilidades de uso na sala de aula do Ensino Infantil.

O Curso, com carga horária total de trinta horas, contou com a participação de treze alunos, dos quais dez eram graduandas em Pedagogia, além de uma pedagoga recém-graduada e dois alunos dos períodos iniciais da Licenciatura em Música.

As aulas foram elaboradas e aplicadas pelos estagiários, organizados em duas duplas. Entretanto, desde os primeiros momentos, contamos com um “elemento-surpresa” que acabou por redimensionar e reorientar toda a experiência: a participação consciente e reflexiva das alunas matriculadas.

Como havíamos previsto, os vinte minutos disponibilizados para a avaliação da proposta da aula por parte das participantes trouxeram à tona uma série de aspectos que, originalmente, os licenciandos em música ou não haviam contemplado ou haviam apenas vislumbrado de maneira superficial. Essas avaliações foram registradas pelos estagiários e, posteriormente, empreendemos a uma análise e categorização das principais contribuições vindas da leitura das estudantes de pedagogia a respeito daquilo que haviam vivenciado.

Após o término do curso procuramos orientar os estagiários em uma reflexão crítica a respeito daquilo que chamamos de “os três cursos que vivenciamos”, a saber: (a) o curso planejado; (b) o curso realizado; e (c) o curso como percebido pelas participantes. Essa reflexão, conduzida com base nas discussões provocadas pelas estudantes de Pedagogia ao final de cada encontro, foi, mais tarde, retrabalhada de maneira pessoal por cada estagiário e incorporada ao seu relatório final de estágio.

Dentre os principais questionamentos daí advindos, tais como expostos nos relatórios de estágio, podemos elencar:

- a. O questionamento da centralidade adotada pelos métodos ativos nos aspectos sintáticos da experiência sonora;
- b. A inadequação de alguns instrumentos alternativos com relação a aspectos como segurança física e higiene dos alunos;
- c. A inadequação sociocultural e política de algumas peças do repertório proposto;
- d. O desconhecimento por parte dos estagiários de repertórios relacionados à cultura local e ao mundo infantil;

- e. A falta de noção por parte dos estagiários do tempo necessário para a sedimentação de determinadas experiências musicais por parte de pessoas não diretamente relacionadas às práticas formais em música;
- f. A desarticulação entre terminologia específica e a prática sonora em si, muitas vezes materializada em determinadas situações em que os estagiários realmente sentiram dificuldade de expressar em termos menos técnicos aquilo que desejavam realizar junto aos participantes.

A experiência obtida a partir desse primeiro curso de extensão ministrado por estagiários nos serviu de subsídio básico para que pudéssemos propor um segundo curso, também realizado com alunos de Estágio IV, no período letivo de 2017.1.

5. O Curso de Extensão “Integrando a Música Cotidiana nos Processos de Aprendizagem Musical”

A turma de estagiários que passamos a orientar no período letivo de 2017.1 é consideravelmente mais numerosa que a anterior, contando com onze licenciandos. Desta vez, trouxemos já como proposta inicial o perfil básico do curso a ser oferecido, tomando como balizas preliminares as experiências vivenciadas no curso da turma de 2016.2. Dessa forma, lançamos aos alunos o desafio de desenvolverem um curso que proporcione à comunidade em geral uma experiência de aprendizado musical partindo de vivências musicais cotidianas, algo que trouxemos consolidado na designação do Curso: “Integrando a Música Cotidiana nos Processos de Aprendizagem Musical”.

O desenvolvimento dos trabalhos foi organizado em cinco etapas, a saber:

- a. *Estudos preliminares*: a fim de complementar os conhecimentos sistematizados nas disciplinas Metodologia do Ensino da Música 1 e 2, assim como aqueles saberes advindos das experiências de estágios anteriores e da atuação extra-acadêmica dos estagiários, dedicamos os encontros iniciais a uma série de estudos e discussões utilizando como base tanto as constatações advindas da experiência do curso anterior como escritos de autores

que abordam a interculturalidade e o uso de repertórios variados no ensino da música, tais como Green (2012) e Queiroz (2013).

- b. *Elaboração do Projeto do Curso*: utilizando como *template* o próprio formulário adotado pela Pró-reitoria de Extensão da UFCG, estamos dedicando alguns encontros a orientar os alunos com relação aos aspectos básicos da elaboração de um projeto formativo. Essa etapa dos trabalhos tem obtido grande engajamento por parte dos estagiários, que se mostram muito interessados em dominar as técnicas de elaboração de projetos dessa natureza com vistas a oportunidades profissionais futuras.
- c. *Elaboração dos planos de aula*: a turma será dividida em duplas, que irão receber um número determinado de aulas e deverão elaborar seus próprios planos de aula, posteriormente revisados pelo orientador.
- d. *Divulgação do Curso junto à Comunidade*: para isso dedicaremos uma semana durante a qual os alunos se organizarão em pequenos grupos e irão às coordenações acadêmicas de diversos cursos da universidade, bem como a organizações comunitárias diversas, divulgar o curso e contatar possíveis participantes.
- e. *Ministração do Curso*: a ser desenvolvida sob a responsabilidade dos estagiários, organizados em 4 duplas e um trio.

Tendo concluído a fase de estudos preliminares, percebemos o quanto a discussão relacionada à contextualização sociocultural da atuação pedagógico-musical é necessária e mesmo urgente de ser trabalhada entre nossos licenciandos. De fato, alguns dos debates ocorridos durante esses encontros de estudo atingiram níveis bastante aprofundados de reflexão, englobando temas como questões relações interculturais, questões de gênero, preconceito religioso etc, além de autorreflexões compartilhadas a respeito de experiências pessoais positivas e negativas relacionadas a questões de identidade cultural dentro do ambiente acadêmico.

No presente momento estamos na etapa *b* do processo, ou seja, na elaboração do projeto. Após orientações técnicas a respeito da sistematização e redação das partes estruturais do projeto, delineamos ideias gerais ou “linhas-mestras” de ação, que serão, dentro em breve, formalizadas no *corpus* do projeto principal. São elas:

- a. A centralidade do curso estará não simplesmente nos conteúdos da sintaxe musical, mas, sobretudo, em vivências contextualizadas de determinadas experiências musicais.
- b. Os conteúdos certamente aí estarão contemplados, e deverão ser trabalhadas de maneira objetiva e eficaz, mas sempre postos em perspectiva com relação a significados vivenciais.
- c. Essas experiências serão sistematizadas e organizadas tomando como material sonoro básico ciclos compostos por repertórios e sonoridades colhidos entre os próprios participantes do curso;
- d. Os estagiários procurarão pautar sua atuação pedagógica durante o curso numa postura ética de abertura à cultura e à musicalidade do outro, compartilhando também de sua própria cultura e musicalidade, numa postura de colaboração.
- e. A exemplo daquilo que foi experimentado pela turma anterior, a avaliação das atividades desenvolvidas será feita de forma compartilhada, com especial atenção dada às observações dos participantes.

O curso terá a duração de trinta horas, distribuídas em quinze encontros de duas horas cada. Os demais ajustes estão sendo realizados pelas equipes, que têm se reunido à parte para elaborar e propor redações possíveis para cada parte estrutural do projeto. Reuniões semanais coordenadas por este orientador agregam essas contribuições e, em conjunto, chegam-se, passo a passo, à redação final de cada seção.

Considerações Finais

No presente trabalho procuramos demonstrar como os cursos de extensão que estamos realizando com os licenciandos em música da UFCG podem contribuir consideravelmente para a contextualização sociocultural da formação proporcionada na graduação. Mostramos como o primeiro curso, que originalmente foi pensado para simplesmente explicar e exemplificar os métodos ativos, acabou desembocando em uma oportunidade de reflexão crítica e avaliação para os estagiários, sobretudo em decorrência das observações e avaliações compartilhadas

pelas estudantes de pedagogia que participaram como alunas do curso. Relatamos também como a experiência vivenciada por aquela primeira turma acabou se constituindo como um alicerce fundante de um novo curso, com perfil totalmente diferenciado, que está sendo aplicado no presente momento pela turma atual de Estágio Curricular IV.

Na busca pela consolidação dos estudos musicais, tanto nos ambientes escolares quanto na esfera das iniciativas de ensino não-formal e informal, torna-se crucial que os futuros educadores musicais tenham oportunidades de formação que sejam contextualizadas com os cenários reais que encontrarão no cotidiano de sua ação educativa. Nesse contexto, a realidade não é tida simplesmente como “problemática”, mas, sobretudo, é assumida como prenhe de incontáveis possibilidades, pois acreditamos que, no choque ideológico entre um determinado ideal acadêmico e a premência da realidade sociocultural, não é a realidade que tem que se adaptar ao que está cristalizado na academia, mas, sim, o contrário: são as práticas acadêmicas que precisam ser revistas e reinventadas no intuito de abrirem um diálogo mais efetivo com as demandas legítimas da educação contemporânea, que se mostra extremamente dinâmica e multifacetada.

Sob essa perspectiva, temos considerado as experiências aqui relatadas junto aos licenciandos em fase de estágio curricular como sendo oportunidades viáveis de contextualização de seu fazer pedagógico-musical e mesmo daquelas concepções que, ao longo de toda a graduação, vão-se sedimentando e se incorporando à futura identidade docente de cada aluno.

Referências

- ARROYO, Margarete. Mundos musicais locais e educação musical. *Em Pauta*, Porto Alegre, v. 13, n. 20, p. 95-121, jun. 2002.
- BOWMAN, Wayne. Who is the “We”? Rethinking professionalism in music education. *Action, Criticism, and Theory for Music Education*. v. 6, n. 4, p. 109-131, dez. 2007. Disponível em: <http://act.maydaygroup.org/articles/Bowman6_4.pdf>. Acesso em 03 jan. 2016.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. Parecer n. 1, de 1 de julho de 2015. *Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada*. Brasília, 2015. Disponível em: <http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/res_cne_cp_02_03072015.pdf>. Acesso em: 05 maio 2017.

GREEN, Lucy. O ensino da música popular em si para si mesma e para outra música: uma pesquisa atual em sala de aula. *Revista da ABEM*, v. 20, n. 28. Londrina, 2012.

NASCIMENTO, Jeter; SILVA, Vladimir; FERREIRA FILHO, João Valter. A música no contexto universitário: um estudo dos processos educativos no coral da UFPB, Campus II, entre 1978 e 1982. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 22, 2015. *Anais...* Natal, Associação Brasileira de Educação Musical, 2015.

PENNA, Maura. *Música(s) e seu ensino*. 2 ed. rev. amp. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PEREIRA, Marcus Vinícius Medeiros. *Ensino superior e as licenciaturas em música (pós diretrizes curriculares de 2004): Um retrato do habitus conservatorial nos documentos curriculares*. 2012. 280 f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso. Campo Grande. 2012.

QUEIROZ, Luís Ricardo Silva. Escola, cultura, diversidade e educação musical: diálogos da contemporaneidade. *Intermeio*. Campo Grande, v. 19, n. 37, p. 95-124, jan-jun. 2013.

SCHROEDER, Sílvia Cordeiro Nassif. A educação musical na perspectiva da linguagem: revendo concepções e procedimentos. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, n. 21. p. 44-52, mar. 2009.